

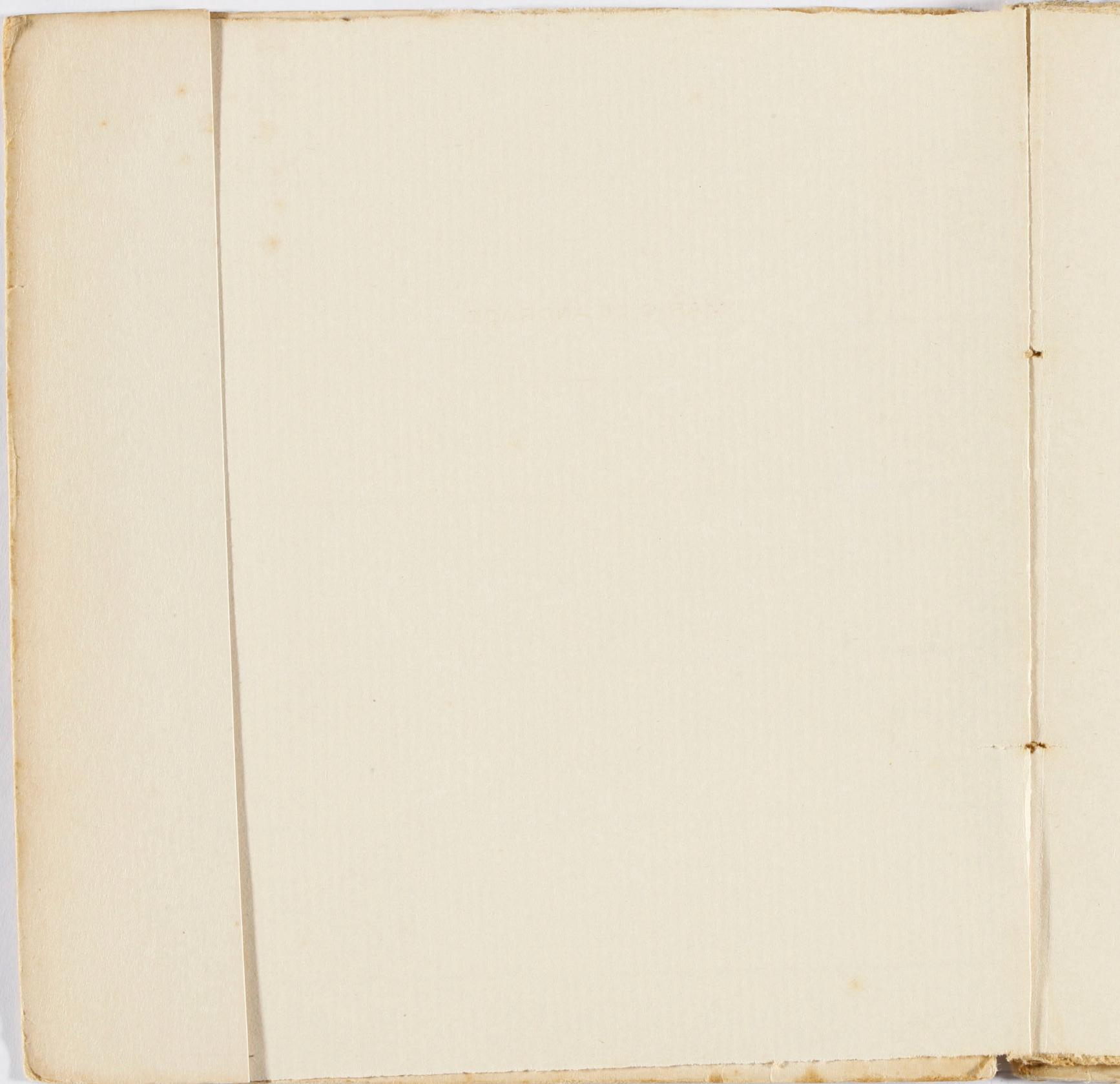
ALBERTO RAMOS

O Livro Dos Epigrammas

EDIÇÕES PAN

9149

L



MARIO DE ANDRADE

A | II
b | j-

**O Livro Dos
Epigrammas**

DO MESMO AUTOR :

VERSOS PROHIBIDOS (1898)

ODE DO CAMPEONATO (1902)

ODE A SANTOS DUMONT (1903)

ODES (1902-1909)

O ULTIMO CANTO DO FAUNO (1913)

ELEGIAS E EPIGRAMMAS (1919)

LE CHANT DE BIENVENUE POUR LE ROI (1920)

CANTO DO CENTENARIO (1920)

TRADUCCÃO :

POEMAS DO MAR DO NORTE, DE HEINE (1894)

A SEGUIR :

SEGUNDO LIVRO DOS EPIGRAMMAS

ALBERTO RAMOS

O Livro Dos Epigrammas

EDIÇÕES PAN

1462

MS
869.9149
R175L

Do Livro Dos Epigrammas

foram tirados cincuenta exemplares
em papel Hollanda, nume-
rados de 1 a 50

MENSAGEM

Ide onde o amor vos leva, ide onde o amor vos manda,
Epigrammas, correi ao regaço de Armanda.

A graça ide pedir aos olhos de Letícia,
Aos de Laura a innocencia, aos de Lola a malicia,
(Não veneno e perfidia !) e na bocca mais linda,
Ebrios sugai o mel dos labios de Lucinda.

Mas de uma que sabeis, de uma que não nomeio,
Ide beijar-lhe a fronte e pousar-lhe no seio,
E pedir-lhe perdão, e si assim for preciso

Morrer por um olhar, morrer por um sorriso.

Epigrammas de Alberto Ramos

2

X *CURSO DE DECLAMAÇÃO*

Grita Irene e braceja, horrenda e trepidante.
Que ha? Que succede, pythoniza nefasta?
Nada! Irene declama. Ao demonio a pedante!
Meu verso vale pelo que vale, e basta.

3

A INDECISA

Hontem *não*, hoje *talvez*,
Um sorriso, uma promessa...
Anda, dize *sim!* depressa,
Lydia, ou passa a tua vez!

8

O EXPURGO

Da excrescencia verbal Fabio expurga a sua obra.
— Pois si tudo lhe tira, que lhe sobra ?

O MESTRE

Reveremo-lo todos quantos somos !
É Fabio autor de tomo ! — Não ! De tomos !

PEPE

Pepe o palacio tem mais lindo da Avenida,
 Onde reina a opulencia ao gosto reunida.
 E Pepe como fez aquella formosura ?
 — De ouro, de execração, de rapina e de usura.

O BOM JUIZ

X

Viva Deus ! Es um grande juiz, Amaro !
 Si não és o maior, és o mais caro !

O G A L L O

Fogo! Olé do terreiro! Incendio! Incendio! Alérta!
Que estropicio! O' de casa, acudi, brava gente!
Fóra os cascos, villão! Dorminhoco, desperta!
Nasce o sol! Presto, amigo! ao labor diligente!

Irra! como se dorme! E a cantar, sina minha!
Se me vai o éstro e a voz! O' da torre, collega!
Antes ser como tu fantoche e ventoinha
Que proclamar o dia a gente surda e céga!

9

DEGENERESCENCIA

Carino, teu avô viveu de bater sóla
E teu pai remendão seguiu a mesma escola.
Tu versejas, Carino! É pena, indigno herdeiro!
Perde o Brasil talvez um grande sapateiro.

10

A FAMA

És positivamente uma celebridade!
Só se fala de ti nesta grande cidade,
Nas aguas da bahia e nos morros entorno.
És um gajo de fama! És um famoso cornº!

12

11

PARNASO BRASILEIRO

De tonico e tintura este vate usa e abusa.
Não ha filtro capaz de redourar-lhe a Musa !

12

O CINEMA

O cinema é prazer que não me abala.
Não acho nelle o goso que procuro.
O melhor do programma está na sala
E justamente a sala está no escuro.

13

O BANQUETE

Um banquete offerecem-lhe, que praga !
— E elle quem é ? — Pudera ! Elle é quem paga !

O CANDIDATO

A' porta da Academia
Chega o candidato e mia,
Sobraçando um capadinho
Do tamanho do mendinho.
«Entrai, diz-lhe a companhia.
Valeis pelo que miais !
O capadinho é de mais».

O TEMPO É O PRESENTE

De que valem, querido, as lagrimas que chores ?
Confia, espera e crê ! Virão dias melhores !...

Ah mocidade ! O tempo é o presente ! O minuto
Voa em que respirei a vida no seu fructo
E já das mãos me foge a taça mal segura
E vacillam meus pés beirando a sepultura.

A VERTIGEM

És, Fulgencio, falando, homem sizudo.
Mas si pégas da penna, infortunado,
Põe-se-te o juizo a arder, baralhas tudo,
Investes furioso, allucinado.
Num segundo percorres o orbe immenso,
Acommettes o proximo e o remoto,
A syntaxe atropelas e o bom senso.
Não causa tanto damno um terremoto

ONOFRE

Quarenta predios tens na capital.
 Mas a tua miseria, Onofre, é tal,
 Tão profunda, tão sordida, tão rasa,
 Que, tendo tantas casas, não tens casa.

Ah, sim ! tens, esquecia-me o hospital !

CATURRA X

Me dá ! — Dá-me ! — Me dá !, digo eu ! — Erra, imbecil !
 — Bruto ! érro em Portugal, acérto no Brasil !

MODESTIA E VAIDADE

O mundo acclama o Excelso, o Sublime, o Divino !
 E ao peso do louvor, Mem faz-se pequenino.
 O' modestia ! ó virtude ! ó grande e honrado Mem !
 Pois me quereis modesto, acclamai-me tambem !

A UM PAMPLETARIO

Os velhacos e os máus, juiz inclemente,
 Zurzes com a penna râbida e ferina.
 Só não falas de ti ! Pois francamente,
 Perdes o thema da melhor verrina !

21

O POETASTRO

Lembras, vate niofino, o villão que na estrada
Manquejando persegue um pequenino insecto.
Foge e renonta aos céos a falena dourada,
E o que nas mãos lhe fica é cinza e visgo abjecto.

22

PANEGYRICO

Pois que duvida, Osorio ! Tens talento !
És illustre, não négo ! És sabio, admitto !
Até (si um cú merdoso e flatulento
É bonito) confesso que és bonito !

62

23

O TESTEMUNHO

30 annos tem Laurinda. — Attesto que é verdade
Pois ha vinte que lhe ouço attribuir-se esta idade.

24

CICERO

Cicero, á noite, bebedo notorio,
Bebe! E de dia assiste no pretorio.
E contra a intemperança alli troveja,
Arrotando justiça com cerveja.

20

25

O DEMAGOGO

Vociferando atroas o Senado.
Juras que a patria salvarás da crise,
Demosthenes de um corno ! Malsinado !
E de ti quem nos salva, enxundia, dize !

26

HELIO

Helio, escrevendo, cita, cita, cita...
Epigrammas, correi-me o parasita !

21

OCTAVIO

Quando Octavio declama *Os olhos de Zulmira*,
 Toda a sala em delirio acclama o sacripanta.
 Que és mofino poeta, Octavio, não admira.
 Que haja um tolo maior que te admire é o que espanta !

RESPOSTA A UM MERCIEIRO

Que é justiça ? A justiça que vem perto ?
 A justiça de Deus ? Optimo França !
 A justiça divina é o preço certo
 E peso igual nas conchas da balança.

O ATTENTADO

O' da guarda ! soccorro ! Assassinam na estrada !
 Socorro ! Acudam ! — Que ha ? — Socorro, camarada !
 E' a visinha que escorcha (horror ! chacina !)
 Weber, Wagner, Mozart ! Prende a assassina !

EPITAPHIO

A terra aqui de um justo os ossos cobre.
 Foi ministro de Estado e morreu pobre.

D U C E S

I

Quereis ditar a lei, reger o povo.
Trazeis na fronte excelsa um novo signo,
Uma nova esperança, um crédo novo ?
Dizei ! Sois o melhor ? sois o mais digno ?

E não vos treme o passo em tanta altura !
Histriões ! Impostores ! Impostura !

II

Queres vencer, e és moço, és nobre, és puro,
E um generoso ardor teu peito inflamma,
E confias, e esperas no futuro.
Nescio ! Queres vencer ? Desce na lama !
Grunhe, porco, com os porcos no monturo !

III

Dos povos, das nações disputais o commando.
Amai ! Não se governa odiando, mas amando !

O FUMANTE

De immenso quebra-queixo infecto e réles
Baforadas de grosso fumo expelles,
Terroso, fedorento, suffocante.
Imaginas talvez que é de elegante ?
O ar empestas, nojento mameluco !
Fóra o tição ! abaixo esse trabuco !

UM DOS TAES

És de facto uma gloria genuina !
És um portento ! És um dos Immortaes,
És um dos Pais da Patria ; és um dos taes
Farçantes que nos levam á ruina.

A SENTENÇA ✕

Condemna o jury austero o homem que rouba um côco.
E condemna porque ? — Por ter roubado pouco.

35

O CRITICO

Uma joia, poeta, o teu soneto !
Elogia-lo em publico prometto.
A proposito, de uns vintens careço...
— Não ! O elogio é caro por tal preço !

36

MATHIAS

É pouco, mas é meu, e meu nome é illibado.
O que é teu não é teu, Mathias, é roubado !

28

O MILAGRE

Lauro era um pobretão faminto e roto.
Não herdou, não ganhou e hoje é nababo.
Foi milagre sem dúvida, maroto ?
Salta, epigramma ! Põe-lhe fogo ao rabo !

MARTIALIS

A todos se dá toda e sem vergonha Lais.
Mas dar a todos tudo é vergonha demais !

A DENUNCIA

Um certo Osorio, é fama, insulta o deus e a Musa.
De altos chifres ornada a dura testa obtusa,
Horrendo, o pello hirsuto, a lyra a tiracolo,
Atrevido percorre os dominios de Apollo,
Bode intruso, imitando o Fauno da floresta
Quando ao cahir da tarde ao mysterio se apresta,
(Ou, quiçá, bem ou mal, o que imitar-lhe póde,
Nos chifres fauno, em summa, e no sobejo bode),
Espalhando em redor uns gazes e uns fedores
E com a voz assustando as nymphas e os pastores.

Apollo ! Deus potente ! Apparelha o teu raio !
Corre-me este impostor ! Zurze-me este lacaio !

FOLHA CORRIDA

Conheço-te, Conrado, a folha inteira.
Eras hontem um João Ninguem, Conrado,
Hoje és conde mui limpo e mui honrado
Depois daquella grossa maroteira.

AULOGELIO

Aulogelio os clientes assassina
Mais com os escriptos que com a medicina.

DISCORDANCIAS

Não me entende esta gente, ao que estou vendo,
Immersa nos prazeres dos sentidos.
Nem eu a entendo, misera! E si entendo,
Melhor é andar assim desentendidos.

PROFESSIONAL BEAUTY

Que lindas côres tem! Soberba criatura!
Só lhe falta o letreiro: «Atelier de Pintura».

BARRETADA

Tiro-lhe o meu sombreiro humildemente !
Commendador, permitta-me que o cumprimente !
Cumprimento o maior dos imbecis
Que, depois de Cabral, pisou estes Brasis !

G. A.

Grato aos deuses resoa o teu nome acclamado.
A Musa diz: Gilberto ! A Gloria applaude: Amado !

46

O CENSOR

As mulheres maldizes penitente,
Felicio. És casto ? Não ! és impotente.

47

O MENTIROSO

Põe os dedos em cruz Belmiro e jura,
Si conta um caso, que é verdade pura !
Confiança inspira verdadeiramente !
Ora, a verdade é que Belmiro mente.

34

PROMETHEU

Deuses ! Rio-me de vós ! Prostrado,
(Não vencido !), padeço desterrado,
Preso, immovel, jungido no granito.
Mas o meu pensamento enche o infinito.

O PRESENTE

Um volume offereço-lhe, permitte,
Excellencia ? — Hum ! De que ? — De dynamite !

O CONSELHO

Choras porque nasceste ; por um grillo
Choras ; levas chorando a vida inteira ;
Choras por isto, choras por aquillo ;
Não és um poeta, és uma carpideira !

De que te queixas ? Olha-te no espelho !
Mas eu bem sei a causa do teu chôro,
Tu choras por chorar ! Toma um conselho .
Vai para Portugal, lá fazes côro !

IN MEMORIAM

Regestes o Parnaso a palmatoria.
Mestre ! fizestes obra meritaria !
Choram por vós as Musas de astro em astro.
Folga entanto o imbecil, folga o poetastro.

ANTINOMIA

Chama-se Bello o feio e Manso é féro ;
É Valente um poltrão, cretino é Homero.
Justo é iníquo, Amoroso vive de odio.
Não se confiem cousas a Custodio.

O NEGACEIRO

Queres porque não queres. Porque queres,
Não queres ! Negaceiro, não me illudo !
Fazes como as mulheres,
Felix ! Nada querendo, queres tudo !

SOLUS ERIS

Galga os cimos azues ! Busca os ermos alpestres !
Alto e só ! Não ha escolas, filho, ha mestres !

O PARIA

Eu nada sou na patria, está bem visto.
É que quando chegou a minha vez
Encontrei já por cá, senhores disto,
O bacharel, o frade e o portuguez.

MAL DE ORIGEM

A terra é boa positivamente,
Pero amigo ! O ruim foi a seimente.

J E T T A T U R A

De espíritos maléficos agente
És, ao que anda rosnando toda a gente,
Xisto ! Ai ! Quem me mandou dizer tal nome !
Não sei que ardor nas tripas me consome !
Dei um geito e fiquei de perna torta,
Santo Deus, bate-me um credor á porta !...
Despega-te de mim, tinhoso ! Ajuda !
Mulher ! Queima na casa urtiga e arruda !

ALZIRA

Andando, Alzira, nédia e semi-nua,
 Mexe e remexe as nádegas na rua.
 Pois Alzira, será de grande dama
 Mostrar na rua como faz na cama !

PORFIRIO

Dizem que és falso e vil, chamam-te Judas !
 Eu, a tua firmesa é que me espanta.
 A verdade, Porfirio, é que não mudas.
 Porfirio ! és sempre o mesmo sacripanta !

Abnér Mourão ??

A A. M.

Meu nome, caro Abnér, não anda nas gazetas
Nem do escriba mendaz na lisonja importuna.
Minha musa desdenha a fama das trombetas ;
Contente vive obscura e ri-se da fortuna.

Do meu proprio labor em mim mesmo me ufano.
Meu louro natural nasce no cimo alpestre,
Por caminhos, Abnér, vedados ao profano.
Mas que louro immortal vale o louvor do mestre ?

A CILADA

há 71
 Grato encontro ! Um soneto aqui tenho comigo ...
 —Livra, adeus !—Que destino ?—O opposto ao teu, amigo!

SORTE NO JOGO

O dinheiro do luxo e da folia
 Diz que o ganha na cobra Rosalia.
 Segismundo, tua mulher te engana !
 Num feio macacão é que é, magana !

S Y L V A N I N H A

Teu corpo é como o oásis do deserto
Onde a palma sussurra ao vento incerto
E rumorejam frondes e nascentes.
Como o oásis florido, alva Sylvana,
Onde passa de dia a caravana
Dos risos e das graças innocentes
E onde á noite os desejos uivam, feras,
Brutas leoas, lubricas pantheras.

O CRUZADO

I

Para salvar a patria em pandarecos
Sai de dentro da caixa de bonecos
Barata ! E desbarata o mundo inteiro
Com a espada que arrancou do paliteiro.

II

És positivamente o homem dos teus escriptos.
Si um dia te distrais, carregam-te os mosquitos.

III

De tão leve cavalga uma fagulha.
De tão escasso,
Entra pelo buraco de uma agulha,
E sobra espaço.

THOMÉ

Dois vicios tens, Thomé, taras funestas .
 Falas muito e, falando, a gente empestas !
 Toma um conselho, evita o peior dos males ;
 Si não queres feder, Thomé, não fales.

UM ALMOFADINHA

De alvaiade e carmim besunta a cara,
 Os cabellos lustrosos almiscara
 E vai para o Alvear e para o Lamas
 Fazer, á noite, concorrença ás damas.

AMBIÇÂO

Tens cargos e honras, bolsa e dispensa repleta,
 E cubiças o louro do poeta ?
 Tens as graças que a terra aos melhores recusa,
 Mas é graça do ceu, Filinto, a Musa !

CAVE CANEM

Cão ! mordeis, senador ? Perro ! os deuses te damnem !
 Tu, Musa, põe-lhe á testa o aviso : *Cave Canem !*

BRASILEIRA, PATRICIA!

Brasileira, patricia ! tenho pena
De ver-te dar ouvido á labia ensossa
Desse pintalegrete de melena.
Penso, e tremo por ti, formosa moça !

No Brasil penso, penso no futuro,
Mães ! na sorte que aguarda os vossos filhos,
Os perigos e os males conjecturo,
Si vingar esta raça de casquinhos,

De badamecos, tolos e incapazes,
Besuntados, lustrosos, coloridos,
Mais meninas, em summa, que rapazes,
E muito mais mulheres que maridos.

CONGEDO

Vosso gesto servil, vosso zelo apparente,
Esse rosto estudado, essa face mentida,
Todo esse jogo, enfim, deixa-me indiferente ;
Cansado e satisfeito abandono a partida.

Amigos vos despeço, amigos e cuidados,
Socios e amigos meus (mais amigos da sorte!).
Não sois urnas de amor, sois sepulcros caiados
Onde alveja sinistra a visagem da morte.

O PANICO

A sala estava cheia como um ovo.
Entenda-se, de gente, não de povo !
Faiscavam luzes, colos, diamantes ;
Mulheres, com os maridos e os amantes,
Chilreavam felizes no intervallo
De uma cousa qualquer de Leoncavallo.

Estava alli todo o marechalato
Da rapina, do dolo e peculato ;
Finos milhafres, tubarões sinistros,
Diplomatas, banqueiros e ministros.
Eis senão quando (o panico imagine !)
Um gaiato gritou : Viva Lenine !

VERGONHA

Vergonha, Mestre João Ribeiro, amigo,
Sobre estes tempos duros e homens duros,
Calamistrados, como usam comigo !
Appello para os seculos futuros !

Mas que digo e de que me queixo, eu louco,
Si tu, Mestre, alto engenho, assiduo estudo
Arte e saber, te valem de tão pouco !
E nada tem quem devera ter tudo.

CARLOS

Lá pôde alguem rivalisar contigo !
Carlos, és o Poeta, o mimo, a gema
Dos poetas indigenas! Que digo !
Tu não és um poeta, és um poema !

O EPIGRAMMA

Arte breve e terrivel do epigramma,
Aborrece-te o parvo, o sabio te ama.

DA ANTHOLOGIA GREGA

Tens lagrimas na voz, suspiros, preces,
Tudo mostras de zelo e de paixão.
Mas si te digo : « Toma-me ! » esmoreces,
Prégas os olhos timidos no chão ;

Muda-se em gelo o fogo vehemente,
Pelas faces escorre-te o suor ;
Pallido, immovel ficas... Francamente
Para um amante falta-te o melhor !

A PUDICA

Os olhos baixa, vergonhosa e nua,
 Elvira, si lhe offende o ouvido delicado
 No instante do prazer uma palavra crua.
 Elvira é casta mesmo no peccado.

O MILLIONARIO

O dinheiro mil cousas, Aniceto,
 Dá: boas roupas, vinhos de Borgonha,
 Charutos finos e outras mais. Excepto
 Duas: uma é saúde, outra é vergonha.

OSORIO

Mestre Osorio o epigramma é cousa breve e alada !
 Tu, pedante, o teu verso é giboso e massudo.
 Em pouco digo muito, em muito dizes nada.
 Si digo : « Osorio é um asno ! » digo tudo.

A FARPA

Pedes-me um epigramma ? Si te agrada !
 Porque não, bravo Acurcio ? Acurcio toma !
 Leva-o nos chifres como uma farpa dourada !
 Serás o bicho mais enfeitado de Roma.

A QUARELLA

O quadro finge os restos de uma orgia.
Doces, fructas, champanhe, gelo e rosas ;
No chão cahida, uma ampoula vasia.
E perto, no divan profundo, as duas,
Como duas columbas amorosas,
Abraçadas, adormecidas nuas.

Sobre um tumulo

Era gloria e delicia do seu povo.
Este o apostolo foi do Brasil novo !
Teu grande coração aqui repousa,
Olavo. Como a vida é pouca cousa !

Profissão de Fé

Minha fé que te importa, e minha casta ?
Eu dos vossos não sou, é quanto basta.

O SEGREDO

Tenho um nó na garganta ! um cravo ! um osso !
 Uma trave, miserrimo, um segredo !
 Onde o sepultarei ? Dentro de um poço !
 Optimo ! Ahi vai (chiton !) : Cesar tem medo !

MISSA DE 7.^º DIA

Finda a missa, os abraços chovem rente,
 No pai, no irmão, no filho ou no parente,
 Que sai dalli moido, amofinado,
 Invejando o descanso do finado !

CANDIDA

Dizem que os homens Candida detesta.
Não creio ! O nariz grego, a larga testa,
Essas olheiras, esses labios grossos
Não ! Não me engano ! Candida é dos nossos.

O EQUIVOCO

Finges que não me vês,
Passas por mim correndo, Henrique, ás cegas,
Tonto ! Pensas talvez
Que é teu pai, preto velho que renegas.

CARIDADE

Pedes para a viuez, para a orphandade,
Para escolas, igrejas, hospitaes,
Para albergues nocturnos e outros mais ;
És a maior pedinte da cidade.
Fazes com a bolsa alheia caridade.
Triumphas nas catastrophes totaes ;
És unica em calamidades taes,
Mas tu mesma és a peior calamidade !
Quem é caritativo, o bem practica
Por si ! Não atormenta a gente rica,
Não azucrina os mais, crentes e atheus.
Não clama, não persegue, não amola.
Dá sem alarde. Assim agrada a Deus.
Mas é que tu não dás, pedes esmola !

NACIONALISMO

Restauremos o indigena no estylo !
É preciso dize-lo e repeti-lo !
Dante, Camões e os mais de Grecia e Roma
Cada qual escreveu no proprio idioma
Cousas grandes, sublimes, inspiradas.
Pois façamos o mesmo, camaradas !
O *promode*, o *vancê*, o *aspouis*, com a bréca !
É da fala da gente ! Viva o Jéca !
Viva a roça ! Eu por mim vou ás de cabo,
Indio sou, por Tupan ! Disso me gabo !
Minha musa é tapuia e não se vexa
De andar nua no matto de arco e flecha.

O PATRIOTA

De amor da patria tens a bocca cheia.
Roncas patriotismo a legua e meia !
Nos comicios, na Camara, Mamede,
O teu patriotismo sua e fede.
Olha ! Si amas a patria realmente,
Si essa bella rhetorica não mente,
Si o teu patriotismo não é phrase,
Como o nosso Rondon sublime faze.
Mamede! vai para o sertão ! Com isso
Prestas a todos o melhor serviço.

A S. *Severiano*
Rogério de

Severiano, amigo ! o tempo é duro !
Quem ouve ainda a voz da grande lyra
No tumulto da corja que delira ?
A patria jaz prostrada num monturo.

Assim Roma, afogada em ouro e lama,
A tunica do Imperio profanava.
E Valerio Marcial á turba ignava,
Rindo, lançava o dardo do epigramma.

IMPORTANCIA

Passas por mim magnifico, importante,
Sem ver-me, Afranio, e sem ligar-me apreço.
Não me conheces? Pois eu te conheço,
És um refinadissimo tratante.

PREFERENCIA

Não frequento, confesso, os chás dançantes.
As cocottes são mais interessantes.

93

A RETINO

Meu nome escamoteias da gazeta,
Aretino vilissimo, peseta !
Imaginas acaso,
Insetco, escamoteiar-me do Parnaso ?

94

ORGULHO

Pegaso brasileiro ! Na corrida
Louca, lancei-lhe o arção e puz-lhe a brida.

66

A SIRIGAITA

Mostra Laura impudica perna e seio.
Menina ! o precioso é o que se esconde
Ou se mostra escondido de onde em onde.
O bonito commum torna-se feio !
Esses descaramentos aborreço,
Laurita ! O muito visto perde o preço.

O DEFEITO

És bonito, Praxedes, não contesto.
És amavel, obsequioso, honesto.
Porque fogem de ti os mais, Praxedes ?
É que tens um defeito horrivel. Fedes !

LAR FELIZ

Lar feliz ! par feliz ! Ditosa estancia !
Deu-lhe a fortuna o corno da abundancia.

O AMPHITRYÃO

Que és fidalgo de polpa ninguem néga.
 Tens cosinha excellente e optima adéga ;
 Mas, finda a refeição, lês versos teus.
 Não me appetece a sobremeza ! Adeus !

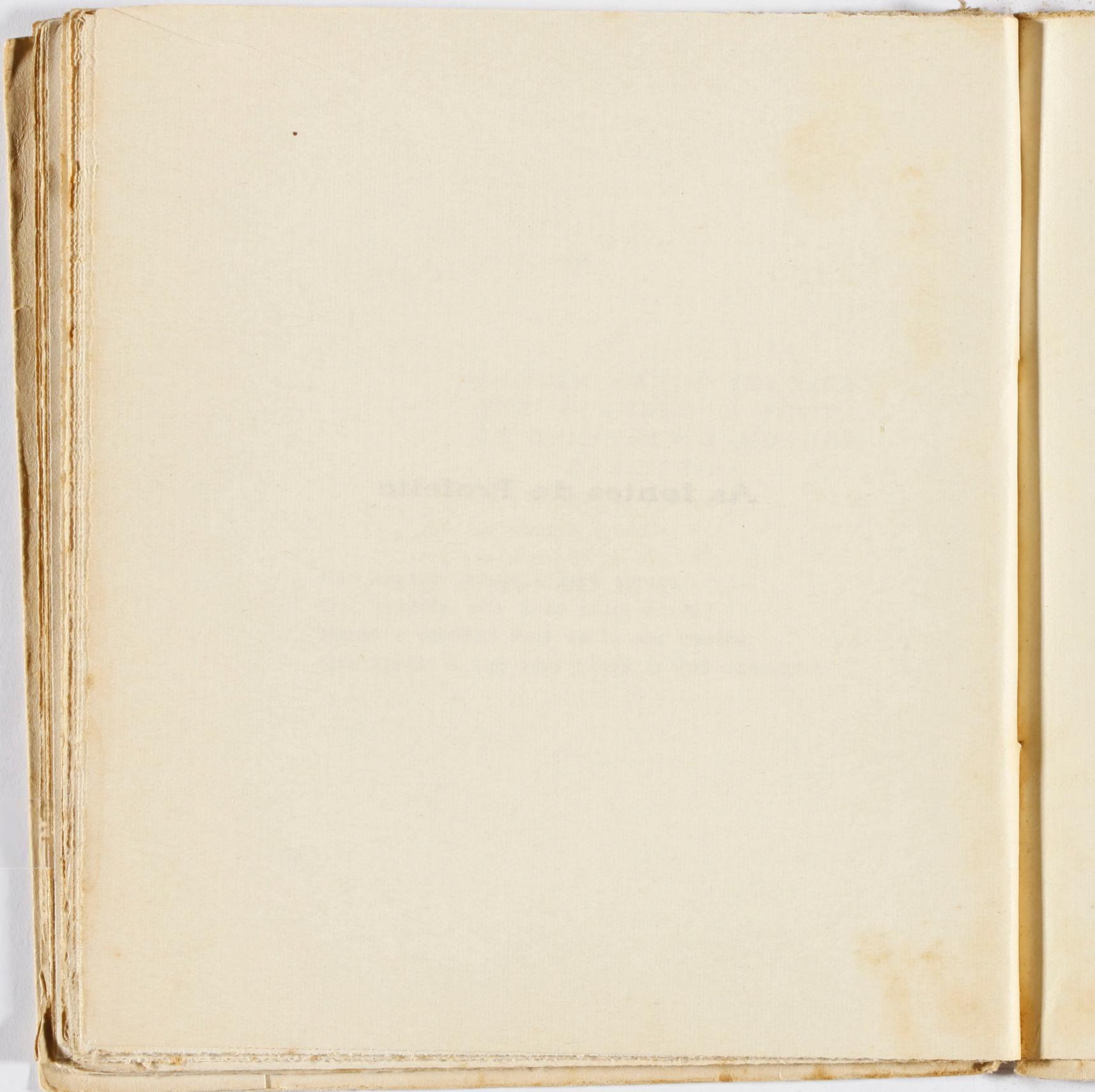
A BEATA

Comeste quando moça os bons boccados.
 Hoje purgas, Lucilia, os teus peccados
 Com rezas, ladinhas, padrenossos.
 A carne ao demo, e Deus que roa os ossos !

*CONTRA CERTO ESCRIBA
QUE ACCUSOU O POETA
DE OFFENDER A MULHER
BRASILEIRA*

Eu, faltar-te jamais o meu apreço !
Ora, patricia, esta é de costa arriba !
Mente o escriba ! Pois eu lá sou escriba,
Que insulte o que amo e beije o que aborreço !

As fontes do Prefeito



I

Fonte perenne de belleza é a vida !
Burguez ! carioca ! citadino amado,
Bebe ! O Prefeito Passos te convida,
Morto, eis-me em fonte viva transformado !

II

Pára! Um momento deixa esse ar absorto,
Macambuzio, preoccupado e sério.
Bebe! E pensa que ainda depois de morto
Passos te dá contento e refrigerio!

III

Como o suor te escorre pela testa !
Amigo ! o sol caustica, o vento cresta.
Bebe, anda ! E vai dizer a toda a gente
Que a fortuna pertence ao diligente !

IV

Cáspite! A areia queima como brasa!
Amigo, a estrada é larga e longe a casa.
Bebe um gole á saude do Prefeito!
Agora vai contente e satisfeito.

V

Ouve o que diz a fonte á beira-mar :
Bebe a gosto ! E' de dar e de tomar !

V I

Que canceira! Que vida! — E que madraço!
Bebe e avia-te! Faze como eu faço!
A fonte imita, que cantando corre,
E nunca pára, e quando pára, morre!

VII

Comadres, é beber-lhe e andar ! Com a bréca !
Vai o caldo entornar ! Nada de séca !

VIII

Alto ! Attende ! Entre as arvores escuras,
Alli perto acharás o que procuras !
Isto é fonte asseiada e de respeito.
Allivia-te alhures. Bom proveito !

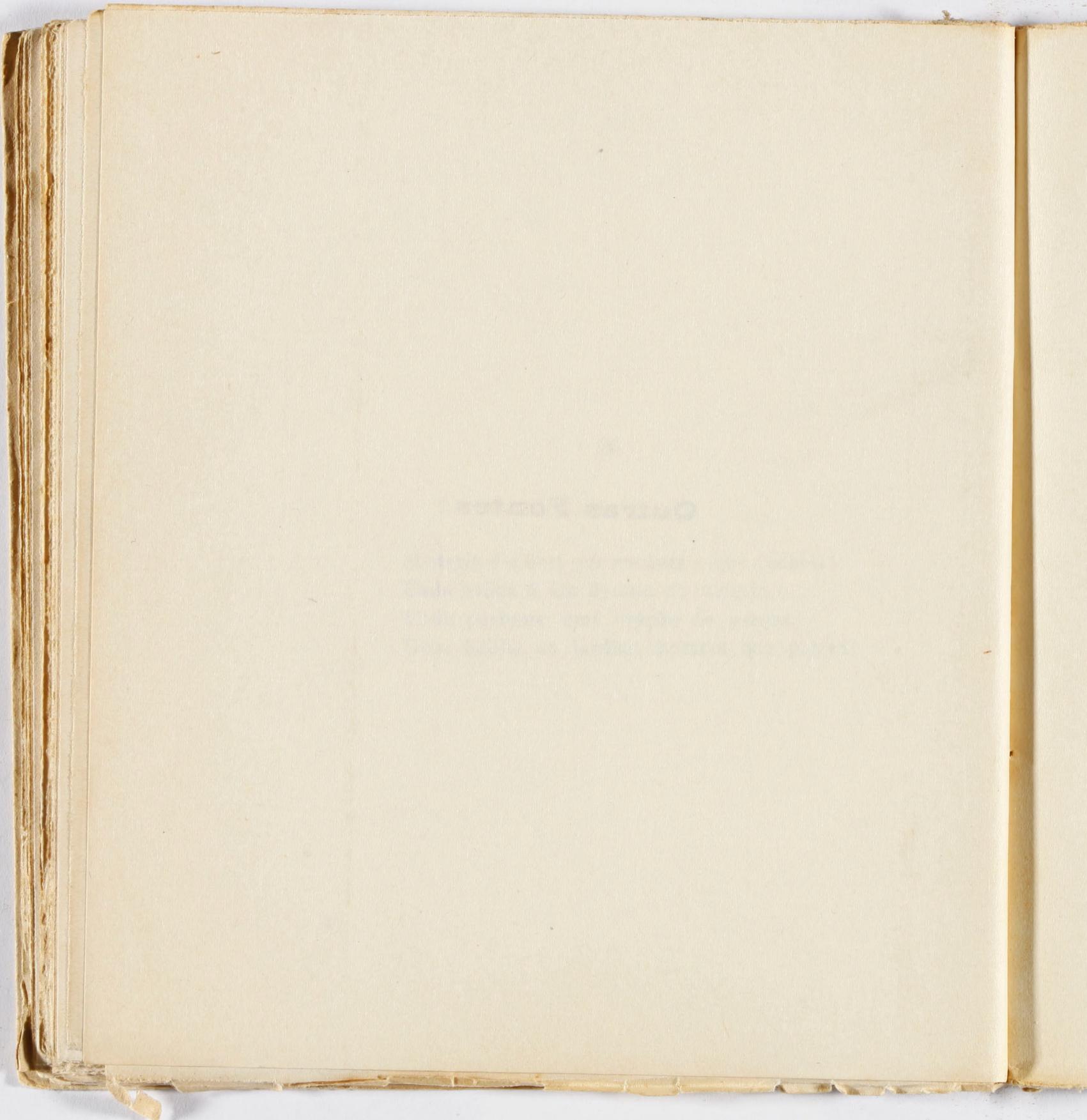
I X

Não aqui ! Não aqui ! Cuidado ! Ha risco !
Olha a contravenção ! Treme do fisco !
Escarneces da lei ! Chi ! Lá vem réga !
Jardineiro de um corno ! Péga ! péga !

X

Misterio é a flor, que encanta e que inebria !
Cada calice é um hymno de alegria,
Cada perfume uma oração de graças.
Deus habita os jardins, homem que passas !

Outras Fontes



FONTE DO LEGISTA

Bebe e cala ! Sou fonte e agua corrente.
Meu tenuo fio corre de mansinho,
Limpido, socegado, transparente.
Não me turves, causidico ! Adeusinho !

FONTE DO FRADE

Bebe! Sou de agorinha! Vinho velho,
Agua nova! E' preceito de evangelho.

FONTE DO POETA

Si a inspiração te foge (e o sizo !) acaso,
Poeta ! bebe um gole, a Musa invoca !
Sou fonte brasileira e carioca,
Mais sabida e melhor que a do Parnaso !

FONTES SALUTARES

Nao te sabe a mézinha! Deus te ajude,
Galenó! E' que sou fonte de saúde !

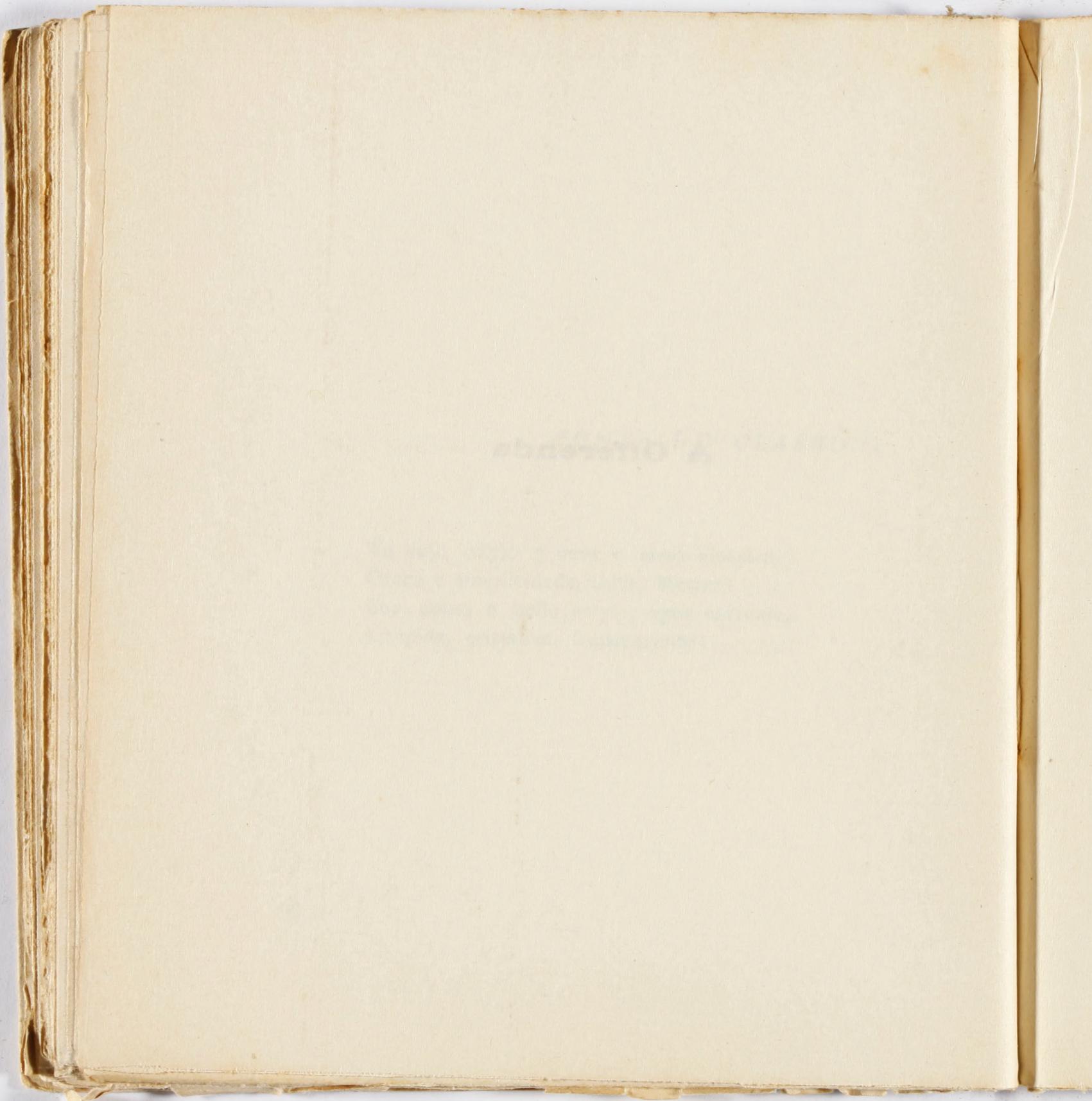
FONTE DO GRAMMATICO

Bebe um pouco, (ou, si queres, uma pouca !)
Desta lympha lustral! E fecha a bocca,
Não lhe entre sollecismo ou syllabada !
Pedagogos! philologos! Cambada !

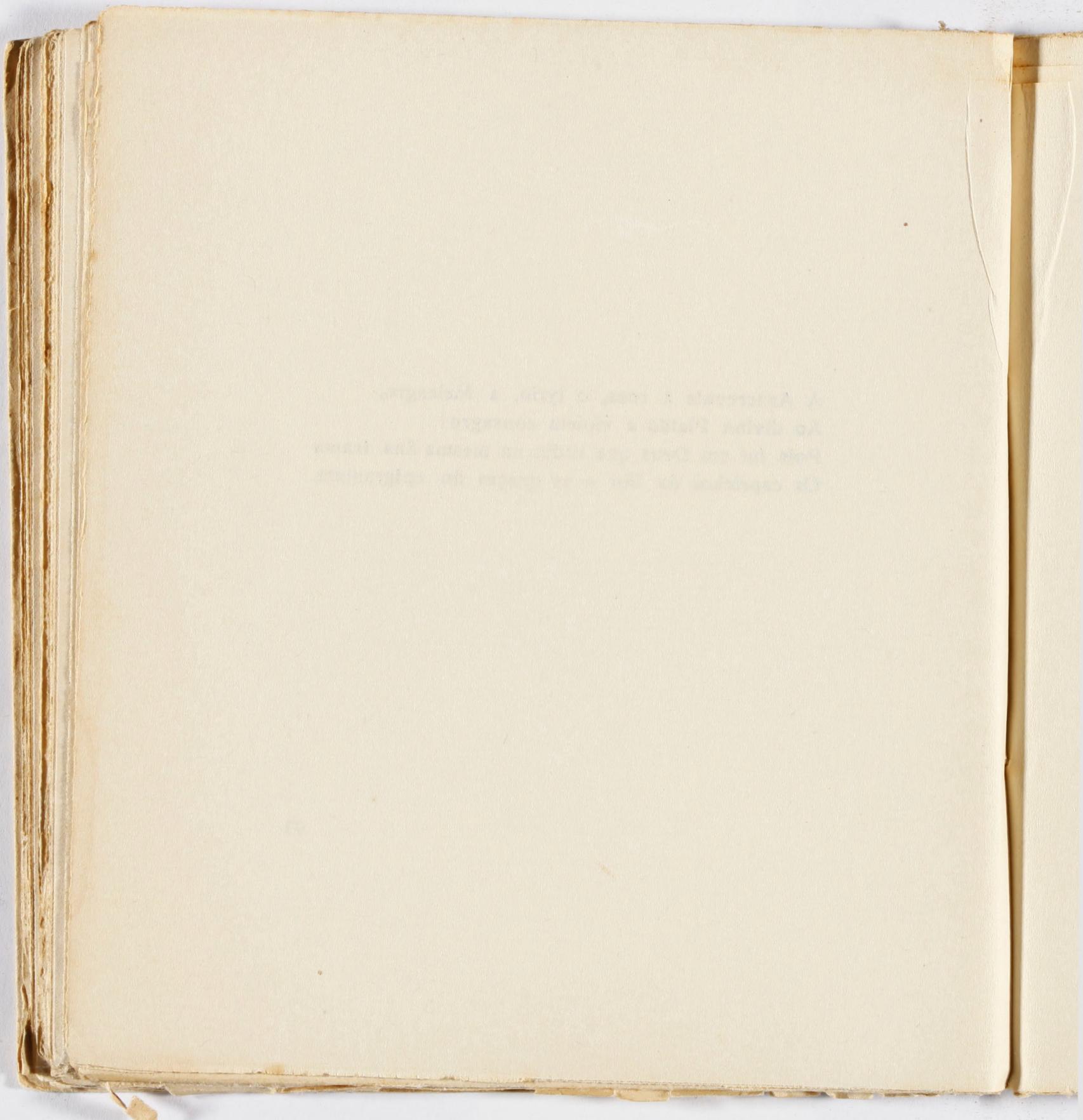
FONTE DO CLASSICO

Tu cujo estylo é neve e cimo alpestre,
Graça e simplicidade, salve, Mestre !
Sou como o bello estylo, agua corrente,
Limpida, cristalina, transparente !

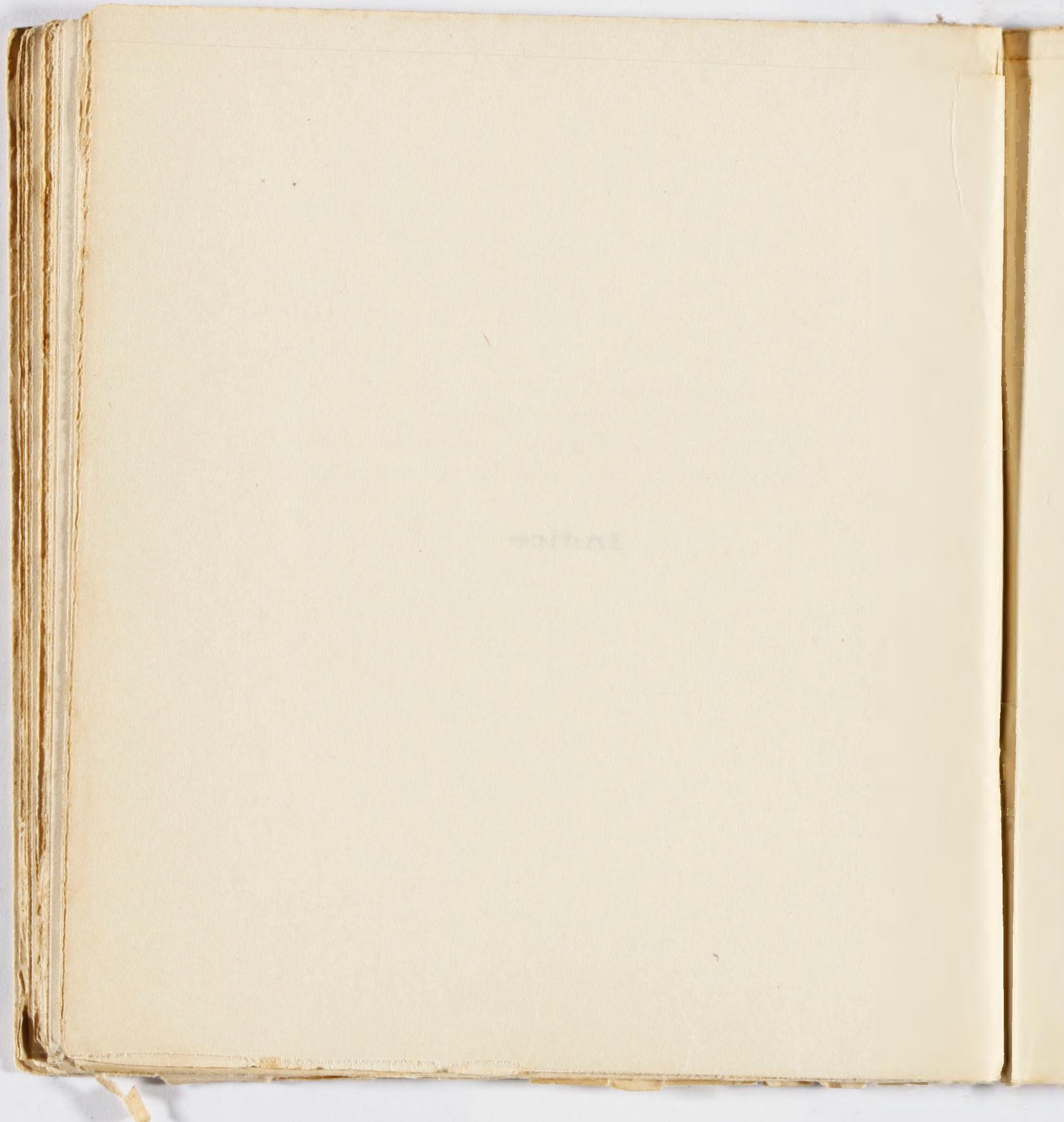
A Offerenda



A Anacreonte a rosa, o lyrio, a Meleagro,
Ao divino Platão a violeta consagro !
Pois foi um Deus que urdiu na mesma fina trama
Os caprichos da flor e as graças do epigramma.



Indice



Epigrammas

| | Pag. |
|--------------------------------|------|
| Mensagem | 7 |
| Curso de declamação | 8 |
| A indecisa | 8 |
| O expurgo | 9 |
| O mestre | 9 |
| Pepe | 10 |
| O bom Juiz | 10 |
| O gallo | 11 |
| Degenerescencia | 12 |
| A fama | 12 |
| Parnaso brasileiro | 13 |
| O cinema | 13 |
| O banquete | 14 |
| O candidato | 14 |
| O tempo é o presente | 15 |
| A vertigem | 16 |
| Onofre | 17 |
| Caturra | 17 |
| Modestia e vaidade | 18 |
| A um pamphletario | 18 |
| O poetastro | 19 |
| Panegyrico | 19 |
| O testemunho | 20 |

| | Pag. |
|-----------------------------------|------|
| Cicero | 20 |
| O Demagogo | » 21 |
| Helio | » 21 |
| Octavio | » 22 |
| Resposta a um mercieiro | » 22 |
| O attentado | » 23 |
| Epitaphio | » 23 |
| Duces I | » 24 |
| II | » 25 |
| III | » 25 |
| O fumante | » 26 |
| Um dos taes | » 27 |
| A sentença | » 27 |
| O Critico. | » 28 |
| Mathias | » 28 |
| O milagre | » 29 |
| Martialis. | » 29 |
| A denuncia | » 30 |
| Folha corrida. | » 31 |
| Aulogelio. | » 31 |
| Discordancias. | » 32 |
| Profissional Beauty | » 32 |
| Barretada | » 33 |
| G. A. | » 33 |
| O censor | » 34 |

| | | | |
|----|--------------------------|------|----|
| | O mentiroso | Pag. | 34 |
| 20 | Prometheu | " | 35 |
| 21 | O presente | " | 35 |
| 21 | O conselho | " | 36 |
| 22 | In memoriam | " | 37 |
| 22 | Antinomias | " | 37 |
| 23 | O negaceiro | " | 38 |
| 23 | Solus eris | " | 38 |
| 24 | O pária | " | 39 |
| 24 | Mal de origem | " | 39 |
| 25 | Jettatura | " | 40 |
| 25 | Alzira | " | 41 |
| 26 | Porfirio | " | 41 |
| 26 | A A. M. | " | 42 |
| 27 | A cilada | " | 43 |
| 27 | Sorte no jogo | " | 43 |
| 28 | Sylvaninha | " | 44 |
| 28 | O cruzado I | " | 45 |
| 29 | II | " | 46 |
| 29 | III | " | 46 |
| 30 | Thomé | " | 47 |
| 31 | Um almofadinha | " | 47 |
| 31 | Ambição | " | 48 |
| 32 | Cave Canem | " | 48 |
| 32 | Brasileira, patricia | " | 49 |

| | Pag. |
|--|-----------|
| Congedo | 50 |
| O panico | » 51 |
| Vergonha | » 52 |
| Carlos | » 53 |
| O epigramma | » 53 |
| Da anthologia grega | » 54 |
| A pudica | » 55 |
| O millionario | » 55 |
| Osorio | » 56 |
| A farpa | » 56 |
| Aquarella | » 57 |
| Sobre um tumulo | » 58 |
| Profissão de fé | » 58 |
| O segredo | » 59 |
| Missa de 7. ^o dia | » 59 |
| Candida | » 60 |
| O equivoco | » 60 |
| Caridade | » 61 |
| Nacionalismo | » 62 |
| O patriota | » 63 |
| A S. R. | » 64 |
| Importancia | » 65 |
| Preferencias | » 65 |
| Aretino | » 66 |
| Orgulho | » 66 |

| | | | |
|----|--------------------------------|------|----|
| 50 | | | |
| 51 | A sirigaita | Pag. | 67 |
| 52 | O defelto | " | 68 |
| 53 | Lar feliz | " | 68 |
| 54 | O amphytrião | " | 69 |
| 55 | A beata | " | 69 |
| 56 | Contra certo escriba | " | 70 |

As fontes do Prefeito

| | | | |
|----|--|---|----|
| 57 | | | |
| 58 | Fonte perenne de belleza é a vida | " | 73 |
| 59 | Pára ! Um momento deixa esse ar absorto | " | 74 |
| 60 | Como o suor te escorre pela testa | " | 75 |
| 61 | Caspita ! A areia queima como brasa ! | " | 76 |
| 62 | Ouve o que diz a fonte á Beira-Mar | " | 77 |
| 63 | Que canceira ! Que vida !—E que madraço | " | 78 |
| 64 | Comadres ! É beber-lhe e andar ! Com a bréca | " | 79 |
| 65 | Alto ! Attende ! Entre as arvores escuras | " | 80 |
| 66 | Não aqui ! Não aquil ! Cuidado ! Ha risco | " | 81 |
| 67 | Mysterio é a flor. que encanta e que inebria | " | 82 |

Outras Fontes

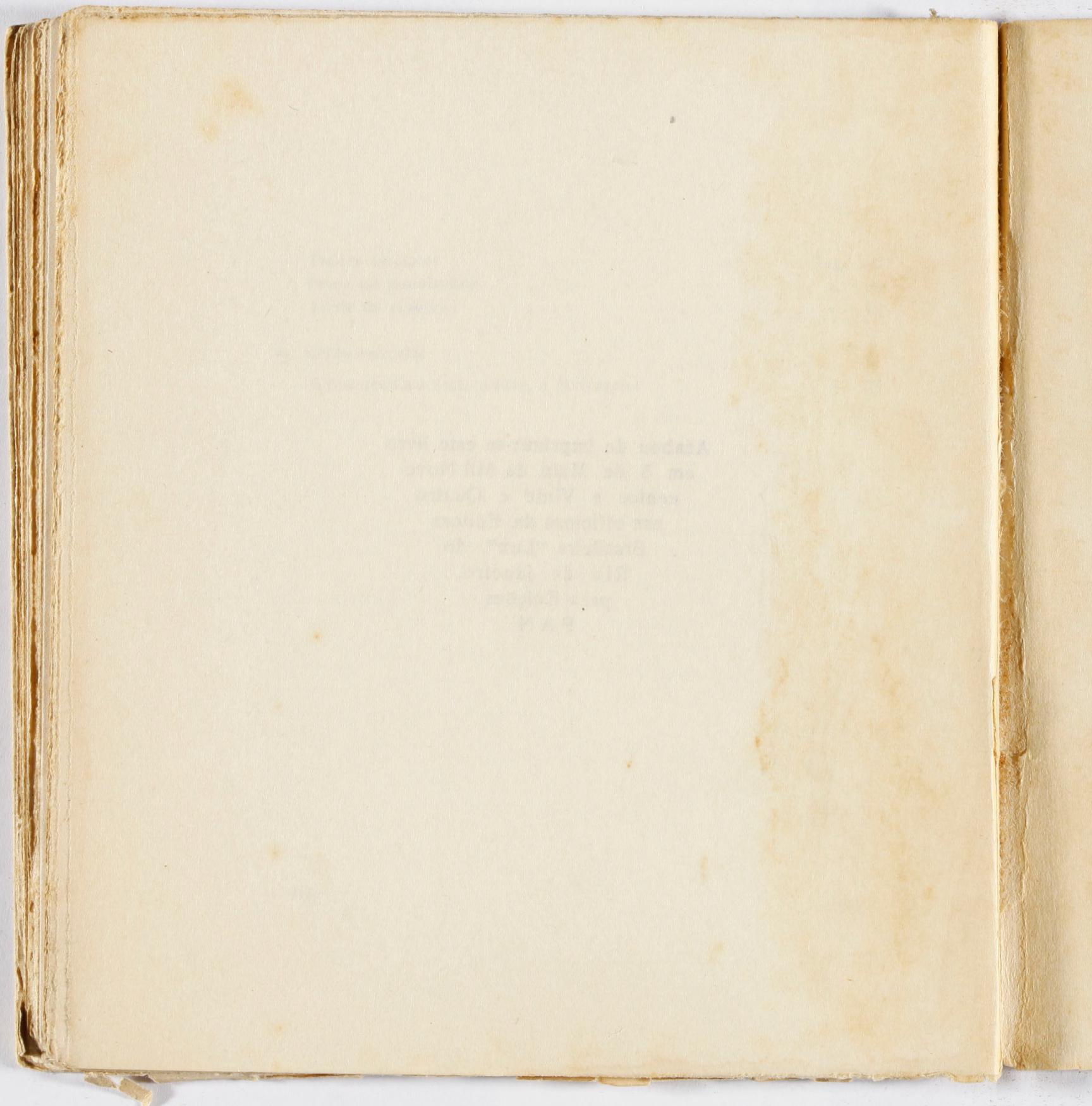
| | | | |
|----|----------------------------|---|----|
| 68 | | | |
| 69 | Fonte do legista | " | 85 |
| 70 | Fonte do frade | " | 86 |
| 71 | Fonte do poeta | " | 87 |

| | | |
|----------------------------|------|----|
| Fontes salutares | Pag. | 88 |
| Fonte do grammatico | " | 89 |
| Fonte do classico. | " | 90 |

A Offerenda

| | | |
|--|---|----|
| A Anacreonte a rosa, o lirio, a Meleagro! | " | 93 |
|--|---|----|

Acabou de imprimir-se este livro
em 5 de Maio de Mil Nove-
centos e Vinte e Quatro
nas officinas da Editora
Brasileira "Lux", do
Rio de Janeiro,
para Edições
PAN





M
E
I